

DF - Cinema

FESTIVAL DO REFUGO

O FESTIVAL DE BRASÍLIA CONSEGUIU DOIS LONGAS INÉDITOS QUASE POR MILAGRE E NÃO DISPENSOU NEM MESMO UM FILME RECUSADO NA SELEÇÃO DO ANO PASSADO

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Não há chances de pintar nenhum Jorge Furtado neste Festival. A barra do cinema brasileiro anda tão pesada, que a criatividade dos realizadores parece entorpecida. Mesmo assim, a cidade espera nova edição da mais antiga festa cinematográfica do País. Desta quarta-feira a terça, a moçada vai ocupar o Cine Brasília, disputar poltronas, aplaudir, vaia se for o caso (mesmo que não haja, desenhado no horizonte, nenhum imbroglho das dimensões do caso *Matou a Família e Foi ao Cinema*/Neville D'Almeida, *frisson* do ano passado), e votar no júri popular. E, de quebra, tomar cerveja com crepes e jogar conversa fora no bar plantado no amplo *hall* do cinema.

Apesar da crise econômica que cai firme sobre nós, haverá Festival. E este ano, a edição é de número 25. Número significativo numa cidade de apenas 32, onde faltam tradições. Até filme inédito apareceu, como que por milagre. Alberto Magno, filho de Jece Valadão e sobrinho de Nelson Rodrigues, arrancou da gaveta que os guardou por 12 anos, os negativos de *A Serpente*. Chega aqui para participar da última noite da mostra competitiva (segunda, 30 cercado de expectativa. Pode causar decepção imensa. Afinal, 12 anos atrás, era um jovem de 21 anos tentando transformar em imagem impressa no celulóide uma das mais complexas tramas do "anjo pornográfico". Aconteça o que acontecer, ele está eufórico.

Além de *A Serpente*, outra novidade apareceu: *O Vigilante* (nada a ver com o Rodoviário. Tudo a ver com os vigilantes justiceiros contratados por comerciantes para "limpar" as periferias da grande São Paulo). O autor do filme, Ozualdo Candeias, carrega história singular. Ex-rufião, ex-caminhoneiro, extido. Até virar cineasta. Seus filmes — sempre sobre a marginalia — o transformaram numa das flores que brotaram no lodo da Boca do Lixo. A lenda é maior que seus nove longas. Mas seu cinema, algo primitivo, merece atenção.

Metalinguagem — O terceiro inédito não é tão inédito assim. Tem até uma história triste. Foi rejeitado pela polêmica comissão de seleção do ano passado. *Assim na Tela Como no Céu*, do carioca Ricardo Miranda, entrou na roda, este ano, depois de percorrer festivais e mostras (sem marcar presença) para cobrir um buraco. O secretário Fernando Lemos, sem se preocupar com a elegância exigida pelo cargo, até afirmou que *Capitalismo Selvagem*, de André Klotzel, ficaria pronto a tempo, para que o Festival contasse, realmente, com três títulos inéditos, um deles financiado pelo Pólo de Cinema e Vídeo do DF. Não ficou, é claro, pois as decisões do Pólo são mais lentas que as locomotivas da Estrada Madeira-Mamoré.

Vale saber que *Assim na Tela Como no Céu* é o primeiro longa de Ricardo Miranda, 42 anos, publicitário de profissão. Ele é autor de comercial que ganhou Leão de Ouro em Cannes. Aquele do papa beijando o chão e propagando uma marca de tapetes. Aliás, um sócio do papa João Paulo II. Fez alguns curtas, mas tornou-se conhecido como montador, inclusive da parte carioca de *A Idade da Terra*, de Glauber Rocha.

Quería virar diretor de longa, depois de experiência como pesquisador e ensaísta (é um dos dois autores de *As Imagens e os Sons: No Ar o Brasil* da série *O Nacional e o Popular* na



Fotos: Divulgação

A Serpente, adaptação da peça homônima de Nelson Rodrigues, começou a ser filmada 12 anos atrás e só foi finalizado nos últimos meses



O curta-metragem de animação *Novela*, de Otto Guerra — produzido em Porto Alegre — satiriza os lugares-comuns da telenovela brasileira

Cultura Brasileira, da Funarte/Adauto Novaes, em livro pela Brasiliense). Preparou seu projeto de estréia: *Expresso do Medo*. O Plano Collor jogou seus sonhos no esgoto. Foi aí que recebeu proposta tentadora: dirigir longa para a Skylight, bancado pelo produtor-realizador Uberto Molloy. Era pegar ou largar. Miranda pegou. "Fiz

tudo" — conta ele — "para realizar um filme pessoal. Assinei-o com esta certeza".

A trama de *Assim na Tela Como no Céu* (título de Molloy) compõe-se de episódios que referenciam gêneros cinematográficos e, de quebra, a própria história do cinema. "No primeiro episódio, estamos em 1910 e homena-

geamos o cinema mudo, em especial a comédia pastelão. Nosso tema é um passeio de Hitler e Mussolini, crianças, temperado a la Max Linder". No segundo, em 1917, "estamos no tempo da Revolução Soviética. Os cineastas já sabem que podem mudar a câmera de lugar. Fazemos, então, nossa homenagem a Stroheim, intérprete de

personagens nobres de cara dura. Jorge Cherques vivifica conde russo, calcado na figura do ator austríaco". No terceiro episódio, homenageia-se o cinema *noir* dos anos 40, com estória de gangsters, que se passa em Chicago. No elenco, Faffy Siqueira, Vera Holtz, Ana Maria Nascimento e Silva e Breno Moroni.

Os seriados americanos, matrizes de *Indiana Jones*, alimentam o quarto episódio. "Fazemos uma paródia. O personagem central é o Indiana Boni, interpretado por Bernardo Jablonski. Ele contracenou com Nina de Pádua, uma secretária para todos os serviços. Os dois caem (de um monomotor) na selva. José Cherques volta ao filme na pele de um nazista. Começa a aventura". Fecha o filme o quinto episódio, que recorre à linguagem do documentário. *Ilha Globo Repórter*. Hugo Carvana interpreta um presidente da República criado por exímios engenheiros do marketing".

Não-inéditos — Os outros três longas do Festival não são mesmo inéditos. *A Maldição de Sanpaku*, de José Joffily, atração da noite de abertura, concorreu em Gramado, ano passado. E na última sexta-feira, entrou em circuito comercial como parte do Pacote Riofilmes, que pretende devolver o produto nacional ao seu público. *Perfume de Gardênia*, de Guilherme de Almeida Prado (segundo corrente, quarta-feira), participou, este ano, do Festival de Gramado. *Oswaldianas*, projeto da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, é um "mutirão" que reúne seis diretores em cinco episódios (Bressane, Sganzerla, Lúcia Murat, Roberto Moreira, Inácio Zatz/Ricardo Dias). Foi concebido para homenagear Oswald de Andrade, no ano de seu centenário. Já teve pré-estréias em São Paulo, Rio, Gramado e Salvador. Esta é a primeira vez, porém, que concorre a prêmios.

Brasília poderia contar com seis filmes inéditos, se os financiamentos previstos pelo *Edit Nacional do Pólo de Cinema e Vídeo do DF* tivessem realmente se transformado em papel-moeda. Em vão Sérgio Bianchi (*Causa Secreta*), Carlos Reichembach (*Amor Corsário*) e Klotzel (*Capitalismo Selvagem*) tentaram enfrentar a burocracia. O que esperar, então, do Festival, se no terreno dos longas as promessas são reduzidas?

A salvação estará nas curtas? A safra que vem aí, com onze títulos (somados ao média *Batiman e Robin*, de Ivo Branco), é boa. Não é nenhuma Brastemp. Ou melhor, nenhum Jorge Furtado. Mas vai ficar mesmo assim, entre os melhores momentos da festa. Mesmo que a comissão de seleção tenha deixado de fora as arrepiantes imagens (explicitamente tarkowskianas) de *Os Desertos Duros*, do paraense Fernando Severo.

Sem filmes capazes de arrepiar, resta apostar no Fórum de Brasília do Cinema Brasileiro, que contará com dois ministros em sua sessão inaugural (Houaiss e Krause) e com alguns dos nomes mais importantes do audiovisual brasileiro (Nelson, Jabor, Cacá, Barreto, Farias, Bressane, Sganzerla, Hermano, Massaíni, Bernardet, etc, etc). Se o Festival não for ganho na tela, quem sabe se sai bem nos debates sobre o futuro do cinema nacional? Isto, se Houaiss, Krause e, quem sabe, Haddad, resolverem partir para a ação. Mesmo que tudo nos faça crer que o compasso preferido do Governo Itamar seja o de espera.

■ Leia sobre os curtas da competição e os filmes da mostra 16 mm na página 3.